

SILÊNCIO, IRONIA E RESISTÊNCIA: UMA ANÁLISE DISCURSIVA DE MEMES EM RESPOSTA A MICHEL TEMER VIA TWITTER

Gustavo Haiden Lacerda¹

Luciana Cristina Ferreira Dias Di Raimo²

Resumo:

No presente artigo, investigamos o funcionamento discursivo da ironia, com base no jogo paráfrase/polissemia, em uma série de memes em resposta a um tweet de Michel Temer, propondo uma análise que pense a relação do silêncio com a produção de efeito de ironia e humor. Nosso interesse foi refletir, sob o escopo teórico e metodológico da Análise de Discurso francesa, sobre as maneiras de resistir na/pela linguagem, por meio do aparato digital, mais especificamente por memes. Observamos que os modos de formular e fazer circular o discurso em torno de um efeito de ironia calcado nos silêncios do dizer de Temer deram visibilidade a sentidos outros, em que os memes ofereceram condições para que os sujeitos-usuários da rede recorressem ao dizer do outro para subvertê-lo, formulando seu próprio discurso-resistência.

Palavras-chave: silêncio; ironia; resistência; memes.

Abstract:

In this article, we investigate the discursive functioning of the irony in a series of memes replying to a tweet posted by Michel Temer, proposing an analysis that debates the relation between the silence and the production of irony and humor. Our interest was to think over, under the theoretical and methodological scope of the French Analysis of Discourse, the ways of resistance in/by language, through the digital apparatus, more specifically by memes. We observed that the forms of structuring the discourse around an irony effect grounded on the silences of Temer's words brought visibility to other meanings, in which the memes offered

¹ Aluno de graduação em Letras (UEM) e bolsista de iniciação científica do CNPq. E-mail: gustavo.haiden@gmail.com

² Doutora em Linguística Aplicada pela UNICAMP e professora do Departamento de Língua Portuguesa da Universidade Estadual de Maringá. E-mail: diaslucian@yahoo.com

conditions to the subject-users of Web to call upon the words of the other in order to subvert them, formulating their own resistance discourse.

Keywords: *silence; irony; resistance; memes.*

Introdução

Este trabalho coloca-se como ponto de escuta do fato discursivo mêmico, entendido na sua relação com a ironia e discursivamente localizado no digital, tomado para “além de uma mera produção de tecnologia, mas como condição e meio de produção e reprodução das formas de existências capitalistas” (DIAS, 2018 p. 28).

Por meio do aparato teórico e metodológico da Análise do discurso de linha francesa (doravante AD) (PÊCHEUX, 1995; ORLANDI, 1999), discorreremos, a partir da tensão paráfrase/polissemia, sobre os efeitos de sentido da ironia e a sua relação com o silêncio na leitura de uma série de memes que circularam nas redes sociais no ano de 2016, em resposta a um comentário feito por Michel Temer, no *Twitter*.

Compreendendo a ironia como prática discursiva de identificação e/ou resistência ao *outro*, buscamos analisar o modo como esse recurso discursivo joga com as palavras, de maneira a criar efeitos de sentido polissêmicos, na relação com o texto e o discurso outros, entre o dito e o não-dito. De acordo com Pêcheux (1990b, p. 54), “é porque há o *outro* [...] que aí pode haver ligação, identificação ou transferência, isto é, existência de uma relação abrindo à possibilidade de interpretar”. Nesse sentido, traçamos um percurso para compreender a ironia em seu funcionamento discursivo, para, então, analisarmos os memes selecionados, trazendo para a cena o conceito de “silêncio” como proposto por Orlandi (2007), na tentativa de pôr em batimento as noções de ironia e silêncio e os modos como podem intervir na formulação de memes virtuais.

Com o propósito de dar consequência ao conceito de resistência, é preciso recorrer a Pêcheux (1983), na medida em que a ruptura é sempre uma possibilidade, isto é, “enunciados podem sempre vir a ser outros”. Consideramos na AD, então, dois processos na produção de discursos: a repetição (paráfrase) e a ruptura ou deslizamento de sentidos (polissemia). Pêcheux (1983) alerta para o fato de os sentidos sempre estarem em movimento.

Ademais, localizamos nossa escuta/fala em um discurso sobre o digital, o que implica pensar nas maneiras pelas quais os sentidos se constituem e se formulam pelo

aparato digital, no meio tecnológico, assim como compreender os diferentes modos de fazer sentido das diferentes materialidades, sustentadas, no caso dos memes, pela orquestração da palavra escrita com a imagem, via recursos técnicos eletrônicos. Pensamos a relação verbo-imagética em suas especificidades e contradições, e não como mera adição de formatos distintos, o que temos denominado “imbricação”, levando em conta as diferentes maneiras pelas quais os sentidos se formulam e circulam no digital e como tais materialidades se afetam.

Em termos de organização, propomos, na primeira seção, olhares múltiplos acerca das noções de humor, ironia e silêncio, até mostrar como esses elementos se atravessam no discurso. Em seguida, desenvolvemos nossa análise em duas partes, por meio de um *corpus* duplo: (i) apresentando a fala (*tweet*) de Michel Temer, buscamos refletir sobre a opacidade (silêncios) do enunciado e alguns efeitos de sentido que serão explorados e extrapolados pelos memes; (ii) e analisamos quatro memes em resposta à postagem supracitada, atentando para o funcionamento da ironia e do silêncio como forma de resistência. Esses trajetos teóricos e analíticos visam apresentar uma escuta às disputas de sentidos, apoiadas no digital e reforçadas por aquilo que o sentido tem de político, isto é, a possibilidade de deslize.

1. Humor e ironia: múltiplos olhares

Na observação do funcionamento discursivo dos memes, uma característica salta aos olhos: a relação dessas formas materiais com o humor e a ironia. Conforme Souza (2013), a formulação dos memes tem a ver com os discursos humorísticos e irônicos que os atravessam. Essa percepção do tom irônico nos leva a ver nesse recurso discursivo um meio de o sujeito colocar-se na origem do que diz, construindo o sentido (humorístico) e a si mesmo em concomitância. Compreendemos os efeitos de humor e ironia como uma forma de *resistência* na/pela linguagem. No presente artigo, analisaremos o humor pela instauração de efeitos de *ironia* nos memes recortados para o *corpus* por meio de uma aproximação com a noção de *silêncio* (ORLANDI, 2007).

Tradicionalmente, a ironia (*eironéia*, do grego, significa *dissimulação*) é entendida como uma afirmação no enunciado e negação na enunciação (ALAVARCE, 2009), em que um mesmo significante teria dois significados (um literal e um figurado). Isso quer dizer

que, desse ponto de vista, a ironia é situacional, ou seja, está relacionada à cena enunciativa. Essa concepção tem uma causa/consequência importante: pressupõe interlocução. Conceber a linguagem como um processo interlocutório equivale a dizer que acontece em uma via de mão dupla, na qual interagiriam locutor e interlocutor. Desse modo, podemos relembrar a imagem que Wittgenstein desenvolve sobre a linguagem ao falar de “jogo”, que acrescentamos ser um jogo que não se joga sozinho, ele requer o outro.

Alvarce (2009) apresenta diferentes abordagens a que têm sido submetidos os conceitos de ironia e riso ao longo da história, fazendo um apanhado dos principais autores que se debruçaram sobre os referidos temas. A ironia e a comicidade são investigadas e estudadas desde a antiguidade clássica, em Platão, por exemplo, que entendia o riso em associação ao “não-sério”, atribuindo-lhe um sentido de tolice e trivialidade. Na Idade Média, o riso era vetado pela Igreja, que o concebia como ato pecaminoso, em divergência com as atitudes de Jesus, que nunca teria rido. Já na Modernidade, a figura de Kant se destaca, separando a razão da sensação, e aproximando o riso daquilo que é sensível (não-razão), de tal modo que surgiria da impossibilidade de permanecermos o tempo todo pensando. Também Bergson se dedica ao estudo do riso e da ironia, a partir de suas funções sociais, abordagem que vê a contradição que constitui o cômico, ora afastando, ora aproximando – em um movimento entre conformação e confronto – os sentidos de ajuste e subversão à ordem social. Segundo o autor,

O riso deve ser alguma coisa desse tipo, uma espécie de gesto social. Pelo medo que inspira, o riso reprime as excentricidades, mantém constantemente vigilantes e em contato recíproco certas atividades de ordem acessória que correriam o risco de isolar-se e adormecer; flexibiliza enfim tudo o que pode restar de rigidez mecânica na superfície do corpo social (BERGSON, 2001, p.15).

Tratando do riso, Bergson (2001) postula que este pressupõe um distanciamento de quem ri do objeto do riso. Por isso, caracteriza-o como ato insensível, que requer afastamento, o que o conduz o autor a ver no humor uma contradição constitutiva: ele é desumano e distante; ao passo que é humanizador e reflexivo, conduzindo a um (re)conhecimento de si, do próprio ridículo. No gesto de rir do outro, o sujeito também ri de si, e disso entrevemos a possibilidade de ruptura e resistência que analisaremos nos memes selecionados, na seção seguinte. Portanto, o riso, vinculado à ironia, apontaria

para aquilo que há de lacunar no jogo discursivo, explorando o sentido outro e possível (disputa de sentidos).

Ainda em Bergson (2001), agora sobre a ironia – ponto que mais nos interessa nesse momento – encontramos dois conceitos que nos saltam aos olhos: a *interferência* e a *transposição*. Aquela diz respeito ao modo como um enunciado (irônico) é atravessado por “dois sistemas de ideias”. Segundo o filósofo, “há muitos meios de obter a interferência, isto é, de dar à mesma frase duas significações independentes que se superpõem” (BERGSON, 2001, p. 65). A transposição, por sua vez, caracteriza-se pelo movimento da “expressão natural de uma ideia para outra tonalidade” (idem, p. 66). O autor conclui o raciocínio afirmando que, na ironia, “se enunciará o que deveria ser fingindo-se acreditar ser precisamente o que é”, o que o leva a dizer que, diferente do humor (“mais científico”), “a ironia é de natureza retórica” (idem, p. 68). Relacionamos essa fala de Bergson àquilo que Pêcheux (1995, p. 164) denomina “efeito metafórico”, a saber, “fenômeno semântico produzido por uma substituição contextual para lembrar que esse “deslizamento de sentido” entre x e y é constitutivo do “sentido” designado por x e y;”, o que nos oferece condições para um trabalho que dê consequência ao fato de os sentidos deslizarem (também) por serem disputados.

Nossa posição em AD nos impele a compreender o sentido (irônico) também ligado a uma relação entre textos. Nas palavras de Orlandi (2005), o sentido de um texto está na relação com outros textos, anteriores e possíveis, deslocando a noção de um sentido único, preso à letra, mas que se abre aos efeitos de sentido. Na perspectiva discursiva, como apontado por Brait (2008), a ironia apresenta em si uma ambiguidade constitutiva, de modo que não se pensa em um sentido literal falseado e um sentido figurado velado e verdadeiro, mas em um convívio (conflituoso) entre um dito “sentido literal” e o(s) sentido(s) outro(s). Destacamos que a literalidade é um efeito ideológico do discurso, de forma que não preexiste ao dizer, ou seja, é um sentido dominante produzido na história.

Em nossa reflexão, o convívio conflituoso dos sentidos é ponto central. Pensar dessa forma nos direciona a um mundo semanticamente contraditório, lacunar. A linguagem, como afirma Pêcheux (1995), é um ritual de práticas sociais sujeitas à falha, pela divisão dos sentidos, pela própria possibilidade de o sentido ser outro (efeito metafórico). A falha acontece porque o sujeito não pode controlar todos os sentidos, além de que a língua (inatingível) não lhe é totalmente acessível ou sequer transparente.

Quando se pensa num ritual de linguagem, esses pontos são fundantes, não podendo ser desconsiderados.

Por essa contradição que lhe é constitutiva é que pode haver resistência na linguagem. No meme, atravessado pela ironia, notamos a insistência de um entre-lugar, que absorve um discurso na medida em que também o re-significa. Reiteramos, portanto, que o sentido acontece na relação/resistência de um texto com outros textos já-ditos ou possíveis de serem ditos. Retomamos Pêcheux (1990b), ao dizer: “o humor e o traço poético não são o ‘domingo do pensamento’, mas pertencem aos meios fundamentais de que dispõe a inteligência política e teórica” (p. 53). Essa é a dimensão política do humor e da ironia que consideramos importante frisar, ou seja, a relação de forças (poder) que atuam sobre um discurso.

Na visão da AD, a ironia não pode ser entendida como manifestação de ato consciente de um sujeito que diz o que quer, fonte intencional de um dizer. A ironia se produz justamente em meio à própria tensão da linguagem que se abre e fecha, que tende à unidade (paráfrase), mas que, ao mesmo tempo, reclama sentidos outros, é sujeita ao equívoco (polissemia).

Sujeito à falha, ao jogo, ao acaso, e também à regra, ao saber, à necessidade. Assim o homem (se) significa. Se o sentido e o sujeito poderiam ser os mesmos, no entanto escorregam, derivam para outros sentidos, para outras posições (ORLANDI, 2000, p. 53).

A relação entre textos acontece por meio da memória discursiva (interdiscurso). Conceito caro à AD, o interdiscurso diz respeito ao que já foi dito e esquecido, mas que significa. Isso implica que não há um sentido inaugural, adâmico, pois para que nossas palavras façam sentido é necessário que já façam sentido (ORLANDI, 2005). Sendo assim, o interdiscurso está já-lá no discurso e, sem pedir licença, intervém na formulação do texto, sustentando a própria possibilidade de sentido.

Uma das maneiras de a memória discursiva ser mobilizada é por meio do pré-construído, como efeito de anterioridade e alteridade, atuando na determinação histórica dos sentidos. Conforme Pêcheux (1995, p. 171)

O pré-construído, tal como o redefinimos, remete aos conteúdos de pensamento do “sujeito universal” suporte da identificação e àquilo

que todo mundo, em uma “situação” dada, pode ser e entender, sob a forma das evidências do “contexto situacional”.

É nesse sentido que compreendemos o efeito de ironia, alicerçado no pré-construído, nos sentidos sempre-já-lá, acerca da(s) imagem(ns) que se forma(m) a respeito de um objeto: as formações imaginárias (FI). Estas são fruto do inconsciente, afetadas por determinações sócio-históricas. Partindo de Pêcheux (1995), as FIs dizem respeito às condições de produção do discurso, como as posições que são assumidas pelos interlocutores no discurso: (i) IA(A): imagem do lugar de A para o sujeito colocado em A - Quem sou eu para lhe falar assim?; (ii) IA(B): imagem do lugar de B para o sujeito colocado em A - Quem é ele para que eu lhe fale assim?; (iii) IB(B): imagem do lugar de B para o sujeito colocado em B - Quem sou eu para que ele me fale assim?; (iv) IB(A): imagem do lugar de A para o sujeito colocado em B - Quem é ele para que me fale assim?

A ironia – como uma forma particular do interdiscurso (BRAIT, 2008) – reside, portanto, em um espaço obtuso, tanto no nível na textualidade (formulação) quanto da discursividade (a relação com outros discursos). Podemos entendê-la também como um princípio regulador de textos, mecanismo de regulação da argumentação, que tenta antecipar a posição dos interlocutores, “de tal forma que o sujeito dirá de um modo, ou de outro, segundo o efeito que pensa produzir em seu ouvinte” (ORLANDI, 1999, p. 39), novamente trazendo à tona a questão das relações de força. Por conseguinte, “qualifica-se” o enunciatário a compreender a ironia: a leitura (irônica) está autorizada.

Todo texto possui um leitor virtual que se projeta e insinua na formulação, por meio do que Orlandi (1999) denomina “antecipação” (que é também desejo de controle), e um leitor real, que de fato dará consequência à leitura. Assim como a autoria e a produção de sentidos, o “efeito-leitor” e a produção da leitura sempre acontecem sob certas condições sociais de leitura, que (de)limitam modos de leitura possíveis de serem produzidos.

Há um leitor virtual inscrito no texto. Um leitor que é constituído no próprio ato da escrita. Em termos do que denominamos “formações imaginárias” em análise de discurso, trata-se aqui do leitor imaginário, aquele que o autor imagina (destina) para seu texto e para quem ele se dirige. Tanto pode ser um seu “cúmplice” quanto um seu “adversário” [...] [e] o leitor real, aquele que lê o texto (ORLANDI, 2008, p. 9).

Essa dualidade (“cúmplice” / “adversário”) entre autor e leitor pode variar de acordo com a proximidade entre leitor real (LR) e virtual (LV). Expliquemos: tendo antecipado seu LV e argumentado em prol desse horizonte, o autor produz o texto, que será recebido por LR, o qual se relacionará com LV ali projetado, reconhecendo-se nele ou não, em diferentes graus. Quanto mais próximo LR encontrar-se de LV, mais o processo de antecipação “alcançará sucesso”. Por outro lado, ao distanciar-se de LV, LR se demarcará em outra formação discursiva e estará mais suscetível a confrontar-se (contra-indentificação) com o texto e com os sentidos que ele produz, e essa dissimetria nos parece produtiva de ser analisada no estudo da ironia.

Ao tratar da indústria cultural, Adorno (1969) afirma que se divertir é estar de acordo com a situação. Em certa medida, discordamos dessa colocação, pois notamos que a ironia (ligada ao humorístico) possibilita a subversão da enunciação, do jogo discursivo, abrindo espaço para a resistência pela linguagem. Não se trata, pois, simplesmente, pretender dizer o contrário do dito, mas subverter (resistir a) o dito. Como nos lembra Lagazzi (1998), resistir é verbo transitivo indireto, o que significa que quem resiste sempre *resiste a algo* ou *a alguém*: o dito sempre está em relação com textos e com sujeitos.

2. O silêncio na AD

A partir disso, tendo dado visibilidade à importância do interdiscurso, do pré-construído, do já-dito, diremos que o não-dito (anterior e constitutivo) precede e determina o dito. Entra em cena a noção de *silêncio* à maneira como é compreendida pela AD, como parte fundamental de um discurso irônico. O silêncio é fundador e fundante da própria linguagem (ORLANDI, 2007). A linguagem faz sentido na medida em que falta, ou seja, se fosse possível dizer tudo (um enunciado “completo”) não haveria por que dizer mais algo, isso seria a “morte da linguagem”. Por não ser possível dizermos tudo, é que dizemos algo. Para isso, algo precisa ser não-dito, sem deixar de ter efeitos naquilo que é de fato dito. É nesse sentido que Orlandi (1999) afirma que o equívoco é constitutivo da linguagem, pois é na falha da língua inscrita na história que há a possibilidade de fazer sentido. Como apontado pela autora,

A condição da linguagem é a incompletude. Nem sujeitos, nem sentidos estão completos, já feitos, constituídos definitivamente. Constituem-se e funcionam sob o modo do entremeio, da relação, da falta, do movimento. Essa incompletude atesta a abertura do simbólico, pois a falta é também o lugar do possível (ORLANDI, 1999, p. 52).

O silêncio não é matéria de linguagem, mas é matéria significativa. Orlandi (2007), ao discursivizar (sobre) o silêncio, mostra como nossa sociedade lançou o silêncio em um “lugar subalterno”, na tentativa de contê-lo. Essa “contenção” se dá pela necessidade criada para a verbalização, de tal forma que encontramos diferentes tentativas de traduzi-lo em linguagem (“fazê-lo falar”). Na crítica da autora, na contemporaneidade, sustentada pela produção em massa de linguagens, “um homem em silêncio é um homem sem sentido” (ORLANDI, 2007, p. 34). Essa seria uma determinação negativa a que o silêncio tem sido submetido, tendo por base concepções idealistas de linguagem como meio de expressão do pensamento ou instrumento de comunicação. A esse respeito, Pêcheux (1995) assevera: “esse ‘instrumento’ permite, ao mesmo tempo, a comunicação e não-comunicação, isto é, autoriza a divisão sob a aparência da unidade”. É na região dessa contradição que o silêncio se situa.

É necessário, em AD, refletirmos sobre a determinação positiva do silêncio (note-se: “positiva” e não “positivista”). Nessa visão, o silêncio é o espaço para o movimento dos sentidos, “respiração da significação” (ORLANDI, 1999, p. 83), base da própria possibilidade de o sentido ser outro. O silêncio é concebido discursivamente como

a possibilidade para o sujeito de trabalhar sua contradição constitutiva, a que o situa na relação do “um” com o “múltiplo”, a que aceita a reduplicação e o deslocamento que nos deixam ver que todo discurso sempre se remete a outro discurso que lhe dá realidade significativa (ORLANDI, 2007, p. 24).

Nossa proposta é atentar, então, para a relação do “um” como o “múltiplo”, explorando a dimensão lacunar da linguagem, naquilo que ela falha, e o modo como o discurso irônico se desponta pelas fissuras. É o que compreendemos como a dimensão política do silêncio, a divisão dos sentidos, administrados por/entre o dizer e o não-dizer. “Em face dessa sua dimensão política, o silêncio pode ser considerado tanto parte da retórica da dominação (a da opressão) como de sua contrapartida, a retórica do oprimido (a da resistência)” (ORLANDI, 2007, p. 29). Não tomemos “político” como mero

“exercício de poder”, mas, como sugere Lagazzi (1998, p. 33), “um espaço de relações que necessariamente se constituem enquanto poder”. Dessa divisão decorre que “entre o dizer e o não dizer desenrola-se todo um espaço de interpretação no qual o sujeito se move” (ORLANDI, 1999, p. 85). Nossa análise buscou dar visibilidade a esse espaço de deslocamentos, pois é por esse movimento (presença-ausência) que pensamos a produção da ironia.

Ademais, é importante ressaltar que, filiados à AD materialista, vemos a resistência como constitutiva e não simplesmente como oposição de posições que se querem divergentes. Lagazzi (1998), quando retoma o trabalho da resistência a partir da reflexão de Pêcheux (1990) quanto às fronteiras entre o realizado e o alhures dos movimentos revolucionários, explica que “a resistência é normalmente tomada como luta por mudanças” (idem, p. 76), o que indica uma resistência para chegar a algo. E, na sociedade moderna, “como possibilidade de mudança nas relações marcadas pela individualização” (idem, p. 78), apontando uma resistência *a algo*. Contudo, esclarece a autora, na prática discursiva, os sentidos da resistência imbricam-se. “Na determinação material das forças a luta de resistência é por mudança e contra a mudança”, na mudança, pois os limites entre o realizado e o alhures são fluidos. Entende que a resistência deve ser considerada na contradição entre “a sujeição ao poder e a luta contra o poder” (idem, p. 78). No material que segue, buscamos dar visibilidade justamente à contradição da resistência que não opera na lógica disjuntiva “ou se resiste ou se rende”, mas sim considerar a resistência como luta por “um sentido” e “contra um sentido”.

3. O silêncio e a ironia na formulação dos memes “muitos votaram porque eu era o candidato a vice”

A fim de investigar o funcionamento do silêncio investido pela/na ironia, (enquanto efeito-ironia), selecionamos quatro memes que circularam nas redes sociais em resposta a um comentário de Michel Temer, comentário este que foi recortado de uma entrevista que o mesmo concedeu ao jornalista Roberto D’Avila, em seu programa na *Globo News*³. O post foi “tuitado” pela assessoria do então presidente em 21 de junho de

³ <<http://g1.globo.com/globo-news/videos/t/todos-os-videos/v/roberto-davila-entrevista-o-presidente-michel-temer/5745891>>. Acesso em: 30 jun. 2018.

2016 e foi alvo de muita controvérsia, levando muitos usuários a “retuitarem” em resposta⁴.

A plataforma *Twitter*, lançada em 2006, funciona por meio de *tweets*, que são postagens online de frases em até 140 caracteres, que possibilitam aos usuários da rede comentar sobre diversos assuntos, em “tempo real”. O próprio funcionamento dessa rede social possibilita que os sujeitos-usuários possam responder aos *tweets* de outros: são os chamados *retweets*. As condições materiais para a réplica nos chamam a atenção devido àquilo que Orlandi (2007) observa como “necessidade de verbalização”, na impossibilidade construída historicamente de permanecer em silêncio (injunção à reação). Estar no digital significa, entre outras coisas, estar exposto a enxurradas de vozes e ecos que demandam unidade (organização), ainda que imaginária, e os *retweets* aparecem como possibilidade de dar corpo aos sentidos, organizando-os em texto.

Ainda sobre o funcionamento do *Twitter*, destacamos o modo de os sujeitos-usuários se apresentarem online, isto é, por meio de seus perfis (conferir imagens a seguir). De um modo geral, os perfis nas redes sociais se apresentam com uma imagem – que não necessariamente é da pessoa por trás da tela – e um *nickname* (chamado “nome de exibição”), que também não tem obrigação com o nome real de quem usa a conta. No *Twitter*, particularmente, há ainda o “nome de usuário”, marcado pelo sinal “@”, que é exclusivo de cada conta. Tal “descompromisso” com a realidade oferece condições para o surgimento daquilo que Dias (2018) define como “sujeito de dados”, o qual se caracteriza por ser personalizado, ensimesmado, constituído a partir dos dados que fornece às redes, cuja existência é regulada pelas postagens que faz. A autora entrevê, assim, uma mudança na forma-sujeito desarranjada pelo digital, um sujeito que tenta escapar do jurídico. E nos questionamos se seria justamente esse espaço confortável “atrás” da tela que possibilitaria a tomada da palavra contra uma autoridade constituída, resistindo. Ou, até que ponto, nas palavras de Dias, seria apenas falatório, “língua de vento”.

É nessa conjuntura que propomos a análise de um *tweet* no perfil de Michel Temer e, mais especificamente, de quatro *retweets* que responderam a essa postagem, conforme apresentamos abaixo, buscando compreender os modos de significar da ironia desses textos pelo funcionamento do silêncio. Em termos discursivos, dizemos que o leitor, pelo

⁴ Informações retiradas de: <<http://www.museudememes.com.br/sermons/muitos-votaram-porque-eu-era-o-candidato-a-vice>>. Acesso em: 30 jun. 2018.

efeito de leitura, condicionado ao digital, assume a responsabilidade por sua leitura e é levado a responder, na “injunção à réplica” (facilmente observável nas redes sociais, ao oferecerem ferramentas para que os sujeitos-usuários possam “comentar” em postagens de outros), passando à função-autor, ao produzir outro texto.

Outro ponto que vale salientar é o de nos referirmos aos *retweets* mencionados como *memes*, o que se deve ao fato de eles terem *viralizado* e terem sido compartilhados em diferentes mídias sociais, tais como *Facebook* e *Instagram*. Como temos observado nos estudos dos memes, estes se caracterizam pelo modo como circulam no meio digital, assumindo suas especificidades, entre elas a discursividade irônica e humorística. Quando o *retweet* viraliza e se desloca de seu lugar de origem (*Twitter*), por causa dessa viralização, notamos a emergência da discursividade do meme.

Algumas considerações acerca das condições de produção do comentário que conduziu aos memes subsequentes são pertinentes. A fala de Temer foi postada por sua assessoria, que retirou o trecho da entrevista e destacou-o entre aspas: “Muitos votaram porque eu era o candidato a vice”⁵. O contexto desse enunciado remete-nos às eleições de 2014, quando da posse da presidente Dilma Rousseff, que, em 2016, sofreu um *impeachment*, por si só polêmico, processo que levou o vice à época, Michel Temer, a tomar o cargo de presidente da República. A entrevista ao *Globo News* versava sobre as situações experimentadas por Temer na posse da presidência.

Levantaremos e analisaremos alguns pontos do enunciado “Muitos votaram porque eu era o candidato a vice”, no que tange à constituição, formulação e circulação dos sentidos, de modo particular, os silêncios que o estruturam. Em termos metodológicos, nosso procedimento de análise está embasado na ideia de se buscar *paráfrases plausíveis*. Como explica Lagazzi (2005, p. 179), importa dar consequência ao primado da descrição pelo investimento no procedimento parafrástico para que as paráfrases plausíveis possam vir configurando as fronteiras das formações discursivas e das posições de sujeito que sustentam as derivas possíveis.

Sendo assim, de início, chama-nos a atenção o sujeito da oração (“muitos”). O determinante adjetivo aqui se torna pronome substantivo indefinido, e essa indefinição aponta para a contradição do discurso. Fazendo trabalhar a paráfrase, teríamos:

⁵ <<https://twitter.com/MichelTemer/status/745419669323022336>>. Acesso em: 28 jun. 2018.

“Muitos votaram porque eu era o candidato a vice” →

→ “Nem todos votaram porque eu era o candidato a vice”

O “muitos” do enunciado traz para junto de si o “nem todos” que se tenta silenciar. Ao generalizar, abrange a falta silenciada na formulação. Ainda nessa direção, diríamos que o “muitos” reforça uma posição que se pretenda isenta do equívoco, permanecendo em uma “margem de erro” que traria segurança para a enunciação: não se compromete com “todos” nem com “ninguém”. Contudo, os sentidos nos escapam: ao dizer “muitos” há a insistência de uma suposta maioria que se afirma no enunciado, em oposição a “poucos” ou mesmo “ninguém” que se quer silenciar, mas que retornam na rede de sentidos.

Assim, em um jogo parafrástico, somos levados a pensar nas formas parafrásticas de “nem todos” (nem todos, poucos, ninguém), na medida em que nos inscrevemos em diferentes formações discursivas (doravante FD), em um contínuo que vai de uma asserção “positiva” (muitos) que, gradativamente, torna-se negativa (nem todos > poucos > ninguém). O texto publicado no perfil de Michel Temer investe em um desejo de apagamento da noção negativa (ninguém) suplantado pelo soberano “muitos”, que sabiamente não se afirma como “todos”. É isso que entendemos em Pêcheux (1995), ao dizer que a língua serve tanto para comunicar como para não-comunicar. Remetemo-nos novamente a Orlandi (2007), ao argumentar que o silêncio não é “uno” (unidade discreta e apreensível), mas se faz aparecer pelo corte da FD no interdiscurso, que recupera certos sentidos e não outros. Ressaltamos que não se trata de “tudo ou nada” (ou ainda, “todos ou ninguém”), mas de um *continuum* significante que é recortado, recorte que tem seus efeitos (políticos), na substituição de uma palavra pela outra.

Outro ponto que irrompeu em nossa leitura diz respeito à opacidade da palavra “muitos”: “muitos” quem? De um modo geral, o termo “muitos” atua como determinante de um nome, a nível morfossintático; mas atua na indeterminação, a nível discursivo, conforme notamos no enunciado em questão, de modo que “muitos” assume função substantiva e indefinida. Assim, é possível questionarmos: muitos brasileiros? Muitos eleitores? Muitos apoiadores? – sem entrarmos no mérito da verificação dessa

“quantidade” vaga. Lemos nessa tentativa de indefinição aquilo que Pêcheux (1995) designa, retomando Fuchs, como “mito continuísta empírico-subjetivista”, definido como um efeito de sentido em que “se efetue um apagamento progressivo da situação por uma via que leva diretamente ao sujeito universal, situado em toda parte e em lugar nenhum, e que pensa por meio de conceitos” (PÊCHEUX, 1995, p.127). A universalização tenta apagar as condições históricas de produção dos sentidos e das subjetividades e, assim, apagar também as suas especificidades. “Muitos”, na verdade, são os silêncios que atravessam essa fala.

Insistindo no funcionamento do silêncio, temos “votaram”, nos limites da intransitividade. Votaram em quem? A formulação dessa pergunta atesta o apagamento do objeto indireto (talvez “em Dilma”). Poderia ser levantado o argumento: “mas é óbvio que Temer estava se referindo à Dilma”. É justamente esse efeito de obviedade que faz calar sentidos, entendendo que o efeito ideológico do implícito apaga a opacidade e a historicidade do dizer e, assim, tenta apagar suas filiações. Por outro lado, dizendo ao final “vice”, novamente a lacuna se faz aparente, pois é reconhecido o lugar anterior do outro, porque só se é “vice” em relação a outro que se projeta em um primeiro plano. Com efeito, observamos que a falha e o equívoco apontam para os modos como o inconsciente e a ideologia operam no discurso, pois os sentidos nos escapam, sentidos de um sujeito descentrado, interpelado pela ideologia, que não é dono de suas palavras. No dizer de Pêcheux (1990a, p. 17),

[...] levar até as últimas consequências a interpelação ideológica como *ritual* supõe o reconhecimento de que não há ritual sem falha, desmaio ou rachadura: “uma palavra por outra” é uma definição (um pouco restritiva) da metáfora, mas é também o ponto em que um ritual chega a se quebrar no lapso ou no ato falho.

Em seguida, gostaríamos de destacar o conectivo “porque”. Não nos interessa aqui analisar o funcionamento textual desse elemento simplesmente, mas pensá-lo em termos de efeito de sentido. Disso compreendemos a relação de causalidade estabelecida entre as orações pelo operador argumentativo “porque” como meio de naturalização do sentido. Ao assumir a posição de “causa”, o sujeito fala de um lugar de poder, como se fosse a “origem” dos próprios fatos (dos votos). Assim, segundo Temer, o motivo de os eleitores terem votado em Dilma, em 2014, foi o fato de ele ser o vice. O efeito de naturalização é

de caráter ideológico, pois se configura como apagamento da historicidade dos sentidos, como se estes surgissem das palavras, na tentativa de calar a memória discursiva, que “fala antes, em outro lugar, independentemente” (PÊCHEUX, 1995, p.149).

A partir dessas considerações, propomos algumas análises da produção do efeito-ironia em uma série de memes (quatro no total) em resposta ao comentário de Temer ⁶. Interessou-nos atentar tanto para os procedimentos linguísticos das formulações, mais especificamente a retomada da estrutura retórica e sintática, quanto o funcionamento discursivo do silêncio na produção da ironia, do dizer que se pretende e, principalmente, se mostra *outro*. O movimento de análise se deu a partir de um exercício de reformulações, definindo os limites de sentido.



Figura 1



Figura 2

⁶ Imagens retiradas de <<http://www.museudememes.com.br/sermons/muitos-votaram-porque-eu-era-o-candidato-a-vice>>. Acesso em: 30 jun. 2018.



Figura 3



Figura 4

A relação com o texto do outro se faz presente nos *retweets* pela relação de comparação que a técnica do *Twitter* oferece, em um movimento de contra-identificação com o que é dito. Isso se alinha ao que Authier-Revuz (1990) denomina heterogeneidade mostrada marcada, como sendo a explicitação linguisticamente perceptível da voz do outro no discurso do locutor. É nessa condição de confronto que se produz a ironia, que busca no outro a legitimação para recusar o discurso dele próprio. Isso se dá pelo jogo de “absurdos”, que, por des(a)creditarem a fala do presidente, servem de sustento para o argumento nos memes, apontando para o absurdo interpretado nas palavras de Temer.

Os “jogos de absurdos” que são formulados retomam a sequência retórica do *tweet*: *Muitos fazem “x” porque* (“por causa de”, “pela”, “pra”) “y”. A ironia consiste na produção da dissimetria (dissimulação), pois “y” não é, consensualmente, causa de “x”. Essa negação que paira em silêncio nos memes direciona para o movimento dos sentidos. Em nossa leitura, a incongruência entre o dito (locução) e o dizer (enunciação), bastante explorada nos estudos que se debruçam sobre a ironia, é vista enquanto um distanciamento e, assim, movimento. Conforme propõe Orlandi (2007), a linguagem tende à estabilização, enquanto o silêncio tende ao movimento; portanto, o discurso

irônico reveste-se de silêncio(s) para poder movimentar-se entre as formações discursivas, entre as diferentes posições que se atravessam, que se constituem pela heterogeneidade, justamente porque

o limite de uma formação discursiva é o que a distingue de outra (logo, é o mesmo limite da outra), o que permite pensar (como Courtine, 1982) que a formação discursiva é heterogênea em relação a ela mesma, pois evoca para si o “outro” sentido que ela não significa (ORLANDI, 2007, p. 21).

Caminhando nessa direção, diríamos que comparação é conflito; a resposta é resistência porque produz um outro sentido. Como já afirmamos, os sentidos são disputados. Esse é o efeito da comparação que recupera os dois enunciados, questionando a autoridade da formação imaginária do interlocutor. Ao desestabilizar a imagem de poder atribuída ao cargo de presidente, coloca-se em dúvida sua posição de autoridade, o que já aponta para a produção do discurso irônico. A ironia, assim, funciona como a destituição de um lugar de poder legitimado, para que dos escombros seja possível construir um novo discurso. Dessa perspectiva, a ironia é também, a seu modo, silenciamento, com a diferença de que faz calar não pelo apagamento em sentido estrito, mas o apagamento da possibilidade de fazer sentido, o que impulsiona um “germe de auto-destruição” que acaba por esfacelar o enunciado de Temer, como se ele próprio já estivesse predisposto a se destruir por sua conta. Em outras palavras, expõe-se o discurso do outro à incoerência que o constitui, dizimando sua posição de autoridade, para que, então, um novo discurso se instaure.

Vale atentar também para os discursos que os memes retomam para ironizar a postagem de Temer. São resgatadas as imagens de “churrasco-arroz”, “Big Mc-alface”, “fumar-fotos de advertência” e “caixa Garoto-chocolate recheado de ameixa véia”. Primeiramente, notamos a ligação de contingência que é estabelecida entre os elementos destacados dentro de cada meme, criando um evento central e outro acessório. Em segundo lugar, cabe notar os sentidos de inferioridade que são montados também pela sequenciação dos termos, tal que teríamos o fato “principal” aparecendo primeiro (“churrasco”, “BigMc”, “fumar”, “caixa Garoto”) e o fato “secundário” vindo em seguida (“arroz”, “alface”, “fotos de advertência”, “chocolate recheado de ameixa véia”). Tudo isso converge para a relação entre os pares silenciados no *tweet*, a saber, “presidente-vice”,

“Dilma-Temer”, que os memes recuperam e ironizam por meio do uso de complementos verbais, em distinção do enunciado “intransitivo” que analisamos anteriormente.

No funcionamento do *retweet* (da resposta) podemos considerar formas de resistência na linguagem em que o sentido irônico joga com paráfrases plausíveis, como representamos a seguir:

“Muitos votaram porque eu era candidato a vice” (enunciado principal)

1A. “Muitos só vão ao churrasco por causa do arroz” (paráfrase 1, figura 1) ou, na verdade, talvez

1B. Muitos só vão ao churrasco por causa da *carne* (paráfrase 2)

2A. “Muitos comem Big Mc só pela alface” (paráfrase 3, figura 2) ou

2B. Muitos comem Big MC só pelo *hambúrguer* (paráfrase 4)

3A. “Muitos fumam só pra colecionar as fotos de advertência do Ministério da Saúde” (paráfrase 5, figura 3) ou

3B. Muitos fumam só pelo efeito da *nicotina* (paráfrase 6)

4A. “Muitos compram caixa Garoto por causa dos chocolate recheado de ameixa véia” (paráfrase 7, figura 4) ou

4B. Muitos compram caixa Garoto por causa do *preço* mais em conta (paráfrase 8)

Justamente no jogo entre as paráfrases (o que é dito e aquilo que poderia ter sido), o efeito ironia com relação ao enunciado de Temer se produz pela deriva (efeito metafórico): os sentidos deslizam de carne, tão apreciada em um churrasco, para arroz (“sem graça”) produzindo uma quebra de expectativa em relação a um sentido evidente/óbvio. Este jogo entre o óbvio e o diferente dá visibilidade a um social dividido: presidente legítimo e ilegítimo como marca de funcionamento da contradição e lugar (im)possível de se produzir a resistência. Abrem-se as possibilidades de o sentido ser deslocado, na relação paráfrase e polissemia. Justamente no lugar da palavra “carne” entra em cena o “arroz” no enunciado (“Muitos vão ao churrasco por causa do arroz”) e é nesta tensão entre o dito (“arroz”) e o que poderia ter sido dito, numa relação com o

sentido evidente, já-lá (“carne”), que se produz o efeito ironia no texto. Deste modo, dando consequência à incompletude da linguagem, pensar o silêncio na ironia é considerar que os sentidos podem ser outros, desdobrando-se em outros.

A nível discursivo, percebemos outra comparação que se dá pelos cantos, nos silêncios e nos ecos das palavras, que tem a ver com a FD comercial que é mobilizada, referindo-se aos mercados alimentícios e de cigarro, da qual é aproximada a FD política, produzindo um efeito de semelhança entre ambas, fato que retira as especificidades da esfera política, alinhando-a a uma forma de mercado. Essa sobreposição de fronteiras de FDs, com destaque para o campo discursivo econômico, dialoga com aquilo que afirma Dias (2018, p. 52), recuperando Haroche, ao sinalizar os modos de regulação da forma-sujeito jurídica pela submissão ao econômico, que se caracteriza como a tônica do pensamento moderno, a partir dos “imperativos de expansão econômica”.

Finalmente, em nosso gesto de leitura, além das *semelhanças* retóricas e sintáticas, pudemos ver uma *diferença* no que diz respeito ao uso do tempo verbal nos memes (presente do indicativo) em relação ao tempo verbal do texto ironizado (pretérito perfeito do indicativo). Esse deslocamento sugere outro efeito para a argumentação, ligado à generalização do evento construída pelo uso do presente, produzindo uma distensão temporal que põe o acontecimento em suspensão, acabando por reforçar o argumento do “absurdo” que está na pauta irônica. Por sua vez, o pretérito perfeito delimita o acontecimento em um tempo anterior e já encerrado. O presente convoca o passado para a atualidade, expondo o irrealizado, o que ressoa em Pêcheux (1990a, p. 8), ao refletir que

A existência do invisível e da ausência está estruturalmente inscrita [...] no jogo variável das formas que permuta o presente com o passado e o futuro [...]. Através das estruturas que lhe são próprias, toda língua está necessariamente em relação com o “não está”, o “não está mais”, o “ainda não está” e o “nunca estará” da percepção imediata: nela se inscrevem assim a eficácia omni-histórica da ideologia como tendência incontornável a representar as origens e os fins últimos, o alhures, o além e o invisível.

4. Um fecho

Traçamos um percurso de análise que buscou relacionar a produção da ironia em memes aos conceitos de *silêncio* e *resistência* como elaborados e trabalhados dentro da

Análise do discurso. Nesses trajetos, os dois conceitos mencionados se apresentaram como constitutivos das práticas de linguagem e produtivos de serem vinculados à ironia como forma de contra-identificação do sujeito no espaço digital. Além disso, por meio do procedimento parafrástico, pudemos explicar como o não-dito produz sentido sobre o dito, tornando-se ponto central da discussão sobre o efeito-ironia.

Investindo em um “ninguém” parafrástico, os memes em questão vão jogar com diferentes imagens que não se confirmam no imaginário social sobre *preferências*; ao contrário, apontam para situações fictícias, que confrontam a fala de Temer com a contradição e o absurdo que a fundamentam e que se deseja apagar: não é pensando no candidato a vice que alguém decide seu voto.

Consequentemente, pelo embate dos discursos, que articula o conflito de posições em jogo, destaca-se a opacidade do enunciado do outro, rompendo e expondo os silêncios e os silenciamentos. Há a convocação do outro, para dele demarcar-se. O funcionamento da ironia, portanto, ancorado no movimento entre destruição e (re)construção de sentidos, intimamente ligado à tensão entre a repetição e o deslize, entre a paráfrase e a polissemia (ORLANDI, 1999), recorre à retórica do silêncio, daquilo que não está dito mas significa, para movimentar tanto a rede de sentidos, quanto o sujeito. Há uma tomada de posição que se afasta do outro (contra-identificação), sem deixar de relacionar-se com ele, pela linguagem. A resistência praticada por meio de memes através da ironia apresenta-se como ponto de atravessamento de discursos em um mesmo espaço de dispersão de textos (tal como compreendemos o aparato digital), não como o “choque de dois mundos, separados pela barreira das línguas, mas um confronto estratégico em um só mundo, no terreno de uma só língua, tendencialmente Uma e Indivisível, como a República” (PÊCHEUX, 1990a, p.11).

Referências

ADORNO, T. A indústria cultural (1947). In. ADORNO T; HORKHEIMER M. **Dialética do esclarecimento**. Trad. de Guido Antônio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1969.

ALAVARCE, C. S. **A ironia e suas refrações**: um estudo sobre a dissonância na paródia e no riso. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009. 208p.

AUTHIER-REVUZ, J. Heterogeneidade(s) enunciativa(s). **Cadernos de Estudos Linguísticos**. Campinas, n. 19, p. 25-42, 1990.

BERGSON, H. **O riso**. Trad. de Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BRAIT, B. **Ironia em perspectiva polifônica**. 2ª ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 2008, 295 p.

DIAS, C. **Análise do discurso digital**: Sujeito, espaço, memória e arquivo. Campinas: Pontes, 2018.

LAGAZZI, S. **A discussão do sujeito no movimento do discurso**. 1998. 120 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP.

ORLANDI, E. P. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 1999.

_____. **As formas do silêncio**: no movimento dos sentidos. 6ª ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

_____. **Discurso e Leitura**. 8ª edição. São Paulo: Cortez, 2008.

_____. **Discurso e texto**: formulação e circulação dos sentidos. 2ª ed. Campinas: Pontes, 2005.

PÊCHEUX, M. Delimitações, inversões, deslocamentos. **Cadernos de Estudos Linguísticos**. Campinas, n. 19, p. 7-24, 1990a.

_____. **O discurso**: estrutura ou acontecimento. Campinas: Pontes, 1990b.

_____. **Semântica e discurso** – uma crítica à afirmação do óbvio. 2ª ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1995.

SOUZA, C. F. Memes: formações discursivas que ecoam no ciberespaço. **Vértices** – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Fluminense. Vol. 1. N. 1. Campos dos Goytacazes: Essentia Editora, 2013.

Artigo recebido em: 19/04/2019

Aprovação final: 20/05/2020

DOI: <https://doi.org/10.35501/dissol.vi10.585>